

VALORES HUMANOS E HÁBITOS DE LAZER: Um estudo correlacional em jovens

Human values and leisure habits: A study correlational in young

Nilton Soares Formiga

Licenciado em Psicologia pela (UNIPE-JP), Mestre em Psicologia Social pela UFPB, Doutorando pela mesma instituição, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB - Brasil, e-mail: nsformiga@yahoo.com

Resumo

Os estudos sobre valores têm trazido grandes contribuições na explicação dos fenômenos sociais, principalmente por ser capaz de orientar o comportamento e atitudes dos indivíduos. A diversão entre os jovens tem merecido destaque, principalmente, quanto à qualidade e tipo vivido por eles, questionando a orientação dessas atividades para além das variáveis personalística, mas apontando para uma base normativa de hábitos de lazer. 710 jovens, ambos os gêneros, idade entre 11 e 22 anos responderam ao questionário dos valores humanos básicos e das atividades dos hábitos de lazer. Observou-se que a função psicossocial de experimentação relacionou com os hábitos hedonistas, os quais visam ao próprio prazer; já a função normativa, interacional e suprapessoal aos hábitos instrutivos, direcionando o sujeito à formação cultural e intelectual.

Palavras-chave: Valores humanos. Hábitos de lazer. Jovens.

Abstract

The studies on values have brought great contributions in the explanation of the social phenomenon, mainly for this building to be capable to guide the behavior of the individuals. The diversion among the youths it has been deserving prominence, mainly, in relation to quality and type lived by them, questioning the orientation of these activities pointing for a normative base of leisure habits. 710 young, both the gender and age among 11 and 22 years had answered the questionnaire of basic the human values and the activities of the leisure habits. From a linear regression, the psychosocial function of experimentation predicted the hedonistic habits, which aim at the proper pleasure; already normative, interacional and the superpesonal one had directly predicted the instructive habits, which direct subject to the cultural and intellectual formation. With this, the values aim at the fulfillment of the social norms, being capable to inhibit behaviors socially undesirable that they come to occur in these activities.

Keywords: Human values. Leisure Habits. Young.

INTRODUÇÃO

Muito se discute a respeito da função e aplicação da diversão nos mais variados setores da sociedade: desde escola, família, clubes de recreação ao espaço sócio-urbano. Esse fato merece ser refletido não somente em direção ao avanço das cidades, mas também, as novas formas de incentivo e investimento quanto ao ato de se divertir que a sociedade atual vem salientando, promovendo atitudes e comportamentos entre os jovens em relação as formas de lazer que devem ser procurados. Seja das atividades mais comuns, como é o caso do esporte em geral ou as mais avançadas, por exemplo, vídeo game, jogos para computadores, etc., é possível questionar até que ponto elas são promotoras ou contribuem para os comportamentos socialmente desejáveis, bem como, seja condição de uma relação interpessoal concreta e de mudança de crenças, atitudes e valores que possam atuar como fator de proteção ao risco, ao invés de apenas servir a busca do próprio êxito e emoção individual visando uma produção benéfica quanto aos fatores psicológicos e sociais entre os jovens e seus pares de iguais e familiares (Codina, 1989; Munné & Codina, 1992).

A partir de tais questões se percebe o quanto o tipo e tempo que destina aos momentos de diversão ocupados, praticamente, pela maioria dos jovens vem se caracterizando como um grande problema; tal fato se deve por termos, na maioria das vezes, condições de lazer que não satisfazem aos pais e até professores, da mesma forma aos jovens, contrariando entre essa tríade, certos momentos da dinâmica na relação familiar e escolar o processo de institucionalização do limite e formação de normas e comportamentos sociais administrado entre eles. Da mesma maneira, os jovens também não se sentem suficientemente satisfeitos com a diversão, isto é, não se sentem livres o bastante para buscar o prazer e sensação real do divertimento, justamente por apontarem, implicitamente, uma dissonância entre o que esses pares sócio-normativos (por exemplo, pais e professores) exigem e o que os jovens querem.

De fato, ocupar-se com alguma coisa no espaço e tempo, pressupõe que o indivíduo venha a ter satisfação com o que se está fazendo. Ademais, cada pessoa poderá apresentar uma forma de passar seu tempo quando não se faz nada, isto é, principalmente quando diante do cumprimento de seus compromissos cotidianos, podendo assim, vir a tornar essa ocupação em um hábito o qual poderá

ser uma meta a seguir, devendo atender as necessidades básicas: repouso, diversão e enriquecimento sócio-intelectual (Leite, 1995; Werneck, 2000) e interpessoal. Com isso, a prática de tal hábito poderá orientar o indivíduo a certas atividades de lazer diferenciadas, que podem ir da leitura, passeio com amigos, visitas familiares ao abuso de bebidas, etc. Para que isso se torne eficiente em relação à socialização e inibição de conflitos tanto com seus grupos de identificação (pais, familiares, professores e amigos, etc.) quanto consigo mesmo, é necessário que essas atividades possam promover um reconhecimento no que diz respeito à aceitação e prática social na escolha da diversão mais próxima ao ideal (Argyle, 1992; Formiga, Gouveia & Ghizoni, 2003).

Por exemplo, Formiga, Ayrosa e Dias (2005), além de identificar as diversas atividades de lazer que os jovens apresentam quando já cumpriram com suas atividades cotidianas exigidas pela família, escola, etc., esses autores desenvolveram uma escala onde contemplavam três fatores: hedonismo - diz respeito aos hábitos de consumo que enfatizam o prazer individual e imediato como único bem possível do indivíduo; lúdico - refere-se ao sujeito que utiliza jogos, brinquedos, passeio e divertimentos em geral, apresentando um caráter instrumental do lazer para divertir-se, e o fator instrutivo - atribui-se a experiência de aperfeiçoamento e crescimento social e cognitivo desenvolvido pelos sujeitos tornando-os capazes de certas escolhas de lazer diferenciadas e exclusivas para eles, bem com, pode assumir uma atividade quanto à transmissão, habilitação e ensino de conhecimentos.

Com isso, partindo dessa perspectiva, as atividades de lazer devem apresentar atitudes favoráveis que enfatize mais o SER do que o TER (Marcellino, 2000), não podendo ser compreendido em termos do determinismo comportamental pois, não somente o contexto (Myers, 1999), mas a própria relação que esses sujeitos têm com seus grupos e a orientação cultural e valorativa que estes oferecem a tais jovens serão capazes de influenciar seus comportamentos, permeando uma perspectiva psicossocial (Formiga, 2004), isto é, a pessoa escolher uma atividade de lazer não apenas a escolherá porque gosta, mas, devido aos valores que venha a priorizar.

Ao caracterizar um jovem como desinteressado culturalmente ou desqualificado em relação aos tipos de diversão, o que parece não ser tão viável, pois, a emitir tal juízo, não se está

considerando essa dinâmica psicossocial na construção da conduta juvenil, mas que se está descartando-se as normas e valores que este se orientou (Formiga, Queiroga, Socorro, Gouveia & Milfont, 2001; Formiga, Araújo, Vitória & Miranda, 2005), e não apenas as idiosincrasias – por exemplo, os fatores de personalidade (Argyle, 1992; Formiga, Teixeira, Curado, Lüdke & Oliveira, 2003; Formiga, Teixeira, Fachini, Curado & Lüdke, 2003) relacionados à explicação do comportamento. Isso permite refletir que as atitudes desses jovens perante as atividades de lazer não se trata de uma construção no vazio, mas a partir da orientação normativa que estes possam vir a priorizar nas suas relações interpessoais.

Essas considerações convergem para a proposta elaborada por Espinosa (2000); para esse autor, o hábito de lazer, especificamente do tipo vídeo game e programas de televisão, têm levado os jovens a se privarem de situações reais na própria vida, não os pondo em conflito com seus valores ou até promovendo através deles uma autoconfrontação desses valores (Rokeach, 1973). Segundo Espinosa (2000), os jogos, como vídeo game e etc., apresentam apenas um objetivo, o da eliminação de alguém ou algo, o que faz com que os conflitos comuns da idade pré-adolescente ou adolescente não venha a emergir, pois, tal fato se faz necessário para efeito de comparação entre suas escolhas, bem como, o que estas podem trazer para o indivíduo como construção moral e valorativa.

Dessa maneira, não sendo percebida por eles a necessidade de mudança tanto no desenvolvimento individual quanto em sua habilidade social, o jovem se torna desprovido da vivência de novas fases em sua vida, levando-o a institucionalizarem um lazer característico da sua própria fase, apontando apenas para o rompimento das normas sociais. Ter um lazer ou horas para se divertir não é errado e muito menos impróprio, o fato está na qualidade deste, pois certos hábitos podem ser, reciprocamente, diversão e formação sócio-cultural; por exemplo, estudar, ler, fazer exercícios pode se relacionar com o êxito escolar (Formiga, Gouveia, Omar, Ferreira & Prestes, 2002) e uma qualidade de vida, bem como, a maturidade do próprio jovem. O problema está na direção que essas atividades de diversão têm tomado, pois se deve considerar a idade, sua capacidade e adequação da escolha do lazer (Fonta, 1997); tal fato permitiria a análise dos tipos de comportamentos que surgem

constantemente como nova forma de lazer, podendo compreender as necessidades dos indivíduos e programas que orientem e avaliem tais comportamentos, o que já tem sido feito nos EUA (Codina, 1997), bem como, quanto ao desenvolvimento de fatores de proteção psicológica e social entre esses jovens.

Para Blauwkamp e Shiner (1996) uma das soluções está na formação sócio-educacional desenvolvida numa prática entre os jovens, levando tanto à satisfação no lazer quanto na vida diária. Shiner e Valerius (1996) enfatizam a diferença entre o grau de importância que os jovens dão à família e amigos e sua participação na diversão em cada grupo com eles, podendo ser modificado significativamente o estilo de vida diante do tipo e modo de lazer que ambos venham assumir. Tal fato é refletido, em um recente estudo desenvolvido por Formiga (2006), para o qual, quanto maior o investimento em hábitos instrutivos (hábitos de lazer que apresentaram atividades mais sociais, intelectuais e educativas) maior poderá prever os indicadores do rendimento escolar, como, horas de estudo, autoconceito como estudante e notas finais), vale destacar que em seu estudo, o hábito lúdico (utilização de jogos, brinquedos, passeio e divertimentos em geral, com caráter instrumental do lazer) relacionou-se com as horas de estudo, porém, o hábito hedonista (aquele que enfatiza o prazer individual e imediato como único bem possível do indivíduo) apresentou escores correlacionais negativos quanto aos indicadores do rendimento escolar.

Dessa forma, quando se fala de lazer, deve-se compreendê-lo em termos de tempo livre, referindo-se às atividades que cada pessoa dispõe ao seu tempo, aplicando ao descanso e diversão, independente do espaço ambiental que esteja sendo aproveitado. Se lazer privado – a própria casa, ou público – parques, quadras de esporte etc. - estes devem atender à formação afetiva, intelectual e social das pessoas que fazem parte de seu cotidiano e sua relação social (Dumazedier, 1974; Murillo, 1996). De fato, dedicar-se ao lazer após as atividades diárias, deve ser caracterizado como fenômeno de liberdade, não somente em termos subjetivos, mas também, objetivamente, encontrando um modelo da sociedade e suas respectivas mudanças. Assim, todo jovem quer ter seu lazer ou “matar o tempo”, tornando possível a produção de identidade grupal capaz de construir a realidade em que vivem, passando a valorizar os

momentos de diversão e caracterizá-los como uma das grandes dimensões de sua vida, principalmente por desfrutar de autonomias distintas da sua família e escola (Pais, 1996), agindo, assim, na formação de valores e inibição de comportamentos que visem à quebra das normas sociais.

De modo geral, quando se fala de valores humanos, este tem sido definido como critérios que guiam o comportamento, desenvolvimento e manutenção das atitudes em relação às pessoas, eventos etc. (Tamayo, 1988), bem como, capaz de explicitar preferências e até de avaliação cognitiva (Lima, 1998). Rokeach (1981) acredita que a formação dos valores está sustentada em conteúdos cognitivos e afetivos, podendo, assim, determinar o comportamento do sujeito ou grupo. Para os autores (Schwartz, 1992; Schwartz & Bilsky, 1997; Tamayo & Schwartz, 1993) os valores são expressos através de tipos motivacionais, que por sua vez, são universais.

Independente dos elementos que sejam adotados, tal construto é destacado pelos estudiosos como uma perspectiva teórica muito importante na predição do comportamento humano. Sabendo da diversidade de teorias sobre os valores (Gouveia, 1998, p. 293), pretende-se adotar uma perspectiva alternativa dos valores desenvolvida por Gouveia, a qual parte da seguinte definição: “os valores humanos são como categorias de orientação consideradas como desejáveis baseados nas necessidades humanas e nas pré-condições para satisfazê-las, adotadas por atores sociais, podendo variar quanto à sua magnitude e aos elementos que a definem.” A partir desse conceito, esse autor identificou 24 valores básicos que expressam princípios-guia, os quais servem de categorias transcendentais que guiam as atitudes, as crenças e os comportamentos em situações específicas; estes valores dão origem a um sistema de valor, apresentando três critérios de orientação, os quais são subdivididas em duas funções psicossociais, formando um total de seis funções, a partir desses critérios de orientação. A seguir é destacada a organização desse sistema valorativo:

Valores pessoais. As pessoas que normalmente assumem esses valores mantêm relações pessoais contratuais, geralmente procurando obter vantagens/lucros. A pessoa prioriza seus próprios interesses e concede benefícios sem ter em conta uma referência particular (papel ou estado). Para Rokeach (1973), esses

valores são vistos como tendo um foco intrapessoal. Em Schwartz (1994), tais valores atendem a interesses individuais. Considerando a sua função psicossocial, estes podem ser divididos em: 1) valores de Experimentação: descobrir e apreciar estímulos novos, enfrentar situações arriscadas, e procurar satisfação sexual são aspectos centrais desses valores (emoção, estimulação, prazer e sexual); e 2) valores de Realização: além da experimentação de novos estímulos, faz parte do universo desejável dos seres o autocumprimento, o sentimento de ser importante e poderoso, ser uma pessoa com identidade e espaço próprios (autodireção, êxito, poder, prestígio e privacidade).

Valores centrais. A expressão “valores centrais” é usada para indicar o caráter central ou adjacente desses valores; eles figuram entre e são compatíveis com os valores pessoais e sociais, estes, tratados a seguir. Em termos da tipologia de Schwartz (1990, 1994), tais valores servem a interesses mistos (individuais e coletivos). Considerando sua função psicossocial, os valores centrais podem ser divididos em dois grupos de valores: 1) valores de Existência: interessa garantir a própria existência orgânica (estabilidade pessoal, sobrevivência e saúde). A ênfase não está na individualidade pessoal, mas na existência do indivíduo. Assim, valores de existência não são incompatíveis com valores pessoais e sociais, são importantes para pessoas, principalmente em ambientes de escassez econômica, mas sem colocar em risco a harmonia social; e 2) valores Suprapessoais. Pessoas que assumem esses valores tentam atingir seus objetivos independentemente do grupo ou condição social. Tais valores descrevem alguém que é maduro, com preocupações menos materiais, não sendo limitadas a características descritivas ou específicas para iniciar uma relação ou promover benefícios (beleza, justiça social, maturidade e sabedoria). Esses valores enfatizam a importância de todas as pessoas, não exclusivamente dos indivíduos que compõem o *in-group*. Portanto, são compatíveis com valores pessoais e sociais. Embora Rokeach (1979) use a expressão

“valores supraindividuais”, ele não se refere ao mesmo conteúdo aqui abordado. Espera-se que os tipos motivacionais segurança e universalismo, propostos por Schwartz (1992), correlacionem-se com as funções psicossociais existência e suprapessoal, respectivamente.

Valores sociais. As pessoas que assumem esses valores estão direcionadas para estarem com os outros. No estudo de Rokeach (1973), correspondem a valores de foco interpersonal, e em Schwartz (1994) estão incluídos entre os valores relacionados com os interesses coletivos. Tais valores são assumidos por indivíduos que se comportam como alguém que gosta de ser considerado; que deseja ser aceito e integrado no *in-group*, ou que pretendem manter um nível essencial de harmonia entre atores sociais num contexto específico. Considerando sua função psicossocial, estes podem ser divididos em: 1) valores Normativos: enfatizam a vida social, a estabilidade do grupo e o respeito para com os símbolos e padrões culturais que prevaleceram durante anos. A ordem é apreciada mais que tudo (obediência, ordem social, religiosidade e tradição); e 2) valores de Interação: que focalizam o destino comum e a complacência. Especificamente, a pessoa que o assume tem interesse em ser amada e ter uma amizade verdadeira, assim como tende a apreciar uma vida social ativa (afetividade, apoio social, convivência e honestidade). Frente ao apresentado previamente, os objetivos do presente trabalho tratam de avaliar a relação entre as funções psicossociais e orientações valorativas dos valores humanos e as dimensões das atividades dos hábitos de lazer em jovens.

MÉTODO

Amostra

Participaram da pesquisa 710 sujeitos, entre estudantes de nível médio e fundamental das escolas pública e privada de João Pessoa, de ambos os gêneros, dos quais 49% eram homens e 51% mulheres, com idade variando de 11 a 22 anos ($M = 15,26$; $DP = 1,78$). Essa amostra é não

probabilística, podendo ser definida como intencional, pois, foram consideradas as pessoas que, consultadas, dispuseram-se a colaborar respondendo ao questionário que era apresentado.

Instrumento

Os participantes responderam um questionário constando de duas partes:

Escala de hábitos de lazer, EHL.

Elaborado originalmente em português por Formiga, Ayroza e Lunna (2005), o instrumento é composto por 24 itens que avaliam as atividades de lazer assumido por cada sujeito a respeito de sua ocupação quando não está fazendo mais nada depois de assumir seus compromissos escolares, familiares, etc. (por exemplo, Ler livros, Ler revistas, Ir à igreja, Navegar na *internet*, Comprar roupas, etc.). Para respondê-lo, a pessoa deve ler cada item e indicar com que frequência ocupa seu tempo quando está sem fazer nada, depois de todas as suas obrigações cumpridas, utilizando para tanto uma escala de seis pontos, tipo Likert, com os seguintes extremos: **0** = Nunca e **5** = Sempre. Nessa versão, procedeu-se sua validação semântica, para tanto, foi considerada uma amostra de 20 sujeitos da população meta. Esta assegurou que tanto os itens como as instruções que os antecediam eram compreensíveis. Nessa escala, a partir de uma análise fatorial (PAF), três fatores foram encontrados: Hábitos hedonistas, lúdicos e instrutivos; estes, apresentaram alfas de Cronbach satisfatórios que variava de 0,63 a 0,80.

Questionário dos valores básicos –

QVB. Uma versão inicial foi proposta em espanhol e português, compreendendo então 66 itens, três para cada um dos valores básicos que avaliava (Gouveia, 1998). Utilizou-se uma versão modificada, cuja comprovação, a partir de uma análise fatorial confirmatória, apresentou parâmetros psicométricos aceitáveis na população estudada, tendo os seguintes indicadores de bondade de ajuste: $c^2/gl = 3,02$, $GFI = 0,91$, $AGFI = 0,89$ e $RMSR = 0,07$ (Maia, 2000). Formado por 24 itens-valores, com etiquetas que ajudam a entender seu conteúdo (por exemplo, *Tradição* – seguir as normas sociais do seu país; respeitar as tradições da sua sociedade; *Êxito* – obter o que se propõe; ser eficiente em tudo que faz; *Justiça Social* – lutar por menor diferença entre pobres e ricos; permitir que cada indivíduo seja tratado como alguém valioso);

para respondê-los, a pessoa deveria avaliar o seu grau de importância como um *princípio-guia* na sua vida e indicar sua resposta numa escala de sete pontos, com extremos **1** = *Nada Importante* a **7** = *Muito Importante*. No final, precisava indicar o valor menos e o mais importante de todos, os quais receberiam pontuações **0** e **8**, respectivamente.

Caracterização sócio-demográfica.

Uma folha separada foi anexada ao instrumento prévio, onde eram solicitadas informações de caráter sócio-demográfico (por exemplo, idade, sexo, estado civil e classe social).

Procedimento

Procurou-se definir um mesmo procedimento-padrão que consistia em aplicar os instrumentos coletivamente em sala de aula. Um único pesquisador ficou responsável pela coleta dos dados; após conseguir a autorização do professor responsável pela disciplina, este se apresentava em sala de aula como interessado em conhecer as opiniões e os comportamentos das pessoas no dia a dia, solicitando a colaboração voluntária dos estudantes no sentido de responderem um questionário breve. Foi-lhes dito que não haviam respostas certas ou erradas, e que respondessem individualmente; a todos era assegurado o anonimato das suas respostas, que seriam tratadas em seu conjunto. Apesar de o questionário ser autoaplicável, contando com as instruções necessárias para que pudesse ser respondido, o pesquisador esteve presente durante toda a aplicação para retirar eventuais dúvidas ou realizar esclarecimentos que se fizessem indispensáveis. Um tempo médio de 20 minutos foi suficiente para concluir essa atividade. Para a análise dos dados, o pacote estatístico SPSSWIN, em sua versão 11.0, foi utilizado para tabular os dados e realizar as análises estatísticas descritivas, bem como os cálculos referentes à correlação de Pearson.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com a finalidade de atender aos objetivos propostos entre os valores humanos e as dimensões dos hábitos de lazer, efetuou-se uma correlação de Pearson; sendo assim, foram observados os seguintes resultados: no que diz respeito às funções

psicossociais dos valores humanos, a Experimentação relacionou-se, positivamente, com os hábitos Hedonista ($r = 0,28$; $p < 0,01$) e Lúdico ($r = 0,22$; $p < 0,01$), o mesmo ocorrendo para a função de Existência, respectivamente, ($r = 0,15$; $p < 0,01$) e ($r = 0,17$; $p < 0,01$); porém, na função Realização, foi observado uma relação apenas com os hábitos Hedonistas ($r = 0,17$; $p < 0,01$). Por outro lado, ainda com base nas funções psicossociais dos valores, a função Interacional e Suprapessoal, relacionou-se, negativamente, com os hábitos Hedonistas (respectivamente, $r = -0,18$ e $r = 0,10$; $p < 0,01$), porém, em relação aos hábitos Instrutivos, essas mesmas funções apresentaram escores correlacionais positivos, (respectivamente, $r = 0,24$ e $r = 0,26$; $p < 0,01$), o mesmo também foi observado entre a função Normativa e os hábitos Instrutivos ($r = 0,30$; $p < 0,01$), mas foi negativa, para o hábito Lúdico ($r = -0,10$; $p < 0,01$) (Tabela 1).

TABELA 1 - Correlações entre as funções psicossociais e hábitos de lazer

Função psicossocial dos valores humanos	Hábitos de Lazer		
	Hedonista	Instrutivo	Lúdico
Experimentação	0,28*	-0,04	0,22*
Realização	0,17*	0,05	0,01
Existência	0,15*	0,17*	0,04
Normativos	0,06	0,30*	-0,10*
Interacionais	-0,18*	0,24*	0,03
Supra-Pessoais	-0,10*	0,26*	-0,02

Notas: * $p < 0,01$ (teste unilateral; eliminação *pairwise* de casos em branco).

Considerando os critérios de orientação valorativa, o critério Pessoal relacionou-se com o hábito Hedonista ($r = 0,29$; $p < 0,01$) e Lúdico ($r = 0,15$; $p < 0,01$), no que diz respeito ao critério Central, o hábito Hedonista e Instrutivo apresentaram escores correlacionais positivos (respectivamente, $r = 0,14$ e $r = 0,33$; $p < 0,01$), por fim, o critério Social, correlacionou-se, positivamente, com o hábito Instrutivo ($r = 0,27$; $p < 0,01$), e negativamente, com o hábito Hedonista ($r = -0,15$; $p < 0,01$) (Tabela 2).

TABELA 2 - Correlações entre as orientações valorativas e os hábitos de lazer

Orientações valorativas	Hábitos de Lazer		
	Hedonista	Instrutivo	Lúdico
Pessoal	0,29*	-0,01	0,15*
Central	0,14*	0,33*	0,04
Social	-0,15*	0,27*	0,01

Notas: * $p < 0,01$ (teste unilateral; eliminação *pairwise* de casos em branco).

Como dado adicional, resolveu-se avaliar a diferença entre homens e mulheres em relação aos hábitos de lazer e os critérios de orientação valorativa. Sendo assim, observou-se que as médias, na Tabela 3, revelaram diferenças significativas entre homens e mulheres quanto aos hábitos de lazer e as orientações valorativas; com isso, as mulheres apresentaram uma

média superior ($M = 3,10$, $DP = 0,80$) a dos homens ($M = 2,88$, $DP = 0,90$) em relação ao Hedonista [$t(679,20) = -3,37$, $p < 0,01$]; esta situação se inverteu no caso do Lúdico, com os homens pontuando mais alto ($M = 2,21$, $DP = 0,90$) do que as mulheres ($M = 1,54$, $DP = 0,83$) [$t(678) = 10,06$, $p < 0,01$]; já em Instrutivo observa-se uma maior pontuação para as mulheres ($M = 2,72$, $DP = 0,86$) que para os homens ($M = 2,28$, $DP = 0,85$) [$t(698) = -6,85$, $p < 0,01$]. Na mesma tabela, podem ser observadas as médias entre homens e mulheres para as orientações valorativas: os homens apresentaram médias superiores ($M = 5,10$, $DP = 0,89$) às das mulheres ($M = 4,85$, $DP = 0,92$) [$t(706) = 3,62$, $p < 0,01$] para a orientação pessoal; já no que diz respeito à orientação social, as mulheres pontuaram mais alto ($M = 6,10$, $DP = 0,86$) do que os homens ($M = 5,65$, $DP = 0,89$) [$t(704) = -6,58$, $p < 0,01$], bem como, para a orientação central, as mulheres tiveram médias superiores ($M = 6,14$, $DP = 0,68$) a dos homens ($M = 5,76$, $DP = 0,84$) [$t(707) = -6,49$, $p < 0,01$] (Tabela 3).

TABELA 3 - Médias entre homens e mulheres em relação às dimensões dos Hábitos de Lazer

Dimensões dos Hábitos de Lazer	Gênero				Estatísticas		
	HOMEM		MULHER		t	gl	p <
	M	DP	M	DP			
Hedonista	2,88	0,90	3,10	0,80	-3,37	679,20	0,01
Lúdico	2,21	0,90	1,54	0,83	10,06	678	0,01
Instrutivo	2,28	0,85	2,72	0,86	-6,85	697,89	0,01
Orientações valorativas							
Pessoal	5,10	0,89	4,85	0,92	3,62	706	0,01
Social	5,65	0,89	6,10	0,86	-6,58	704	0,01
Central	5,76	0,84	6,14	0,68	-6,49	707	0,01

No presente estudo, procurou-se avaliar as correlações entre os valores humanos e as atividades dos hábitos de lazer. Com isso, espera-se que os objetivos aqui propostos tenham sido alcançados. Com os resultados obtidos neste trabalho é possível refletir que esses hábitos de lazer (hedonismo, lúdico e instrutivo) venham a ser

explicados a partir de um conjunto de valores, seja em termos da sua função psicossocial seja como critérios de orientação. Assim, a investida em valores que visem critérios mais coletivistas (normativos, suprapessoal e interacional) que visa ao grupo, tradições sociais e uma relação interpessoal, provavelmente poderá orientar um tipo de lazer que

ênfase a formação cultural e intelectual, bem como, capaz de inibir certos tipos de lazer que, possivelmente, podem influenciar os jovens a condutas que tangenciam as normas sociais (ver Formiga, Gouveia & Ghizoni, 2003); da mesma forma, os valores individualistas, tanto em sua função psicossocial quanto critério de orientação, os quais visam à relação intrapessoal, relações contratuais, obtenção de vantagens/lucros poderão influenciar tipos de lazer de cunho privado, tendo em vista apenas satisfação pessoal e sua recompensa psicológica ou física, a qual poderão, quando frustrados, não apresentar habilidades em lidar diante de tal condição, levando o jovem, de acordo com o estudo de Formiga, Teixeira, Curado, Lüdke & Oliveira, (2003), à manifestação de condutas desviantes. Sendo assim, o fato de que os valores venham explicar as formas de diversão entre os jovens, esses construtos não permitem apenas refletir em termos de uma linearidade do fenômeno da diversão entre eles, mas, será capaz de inferir outros fenômenos paralelos (por exemplo, conduta delinquente, agressão, uso de drogas, etc.), bem como, uma perspectiva desenvolvimentista e personalística (Formiga, Gouveia, Lüdke, Teixeira & Santos, 2002; Formiga, et al., 2003).

De fato, ao considerar os valores humanos em seu conjunto se estará contribuindo na formação e preparação das atividades de lazer que venham, além de divertir os jovens, também construí-lo em orientações socialmente desejáveis, bem como, em um sujeito cidadão e politizado, quanto sua saúde psicossocial. Considerando tal afirmativa, pode-se tomar a diversão, seja ela a mais simples, a mais tecnológica, como um fenômeno que transcende a adaptação existosa dos jovens, porém, que seja capaz de intervir, a partir de uma autoconfrontação, em crenças, atitudes, comportamentos, e até, nos próprios valores (Munné & Codina, 1992); estes por sua vez, poderão conduzir a um efeito benéfico em relação aos fatores psicológicos e sociais (Codina, 1989) nas relações inter e intrapessoais do jovem.

Desta forma, ao focalizar os valores na vida do jovem não somente aponta-se para a construção do desenvolvimento psicossocial, mas também, para a consistência de hábitos que os oriente às atividades de lazer diferenciadas, mas, tendo-a como fator de proteção: seja a leitura, passeio com amigos, visitas familiares a uso de bebidas, etc., o fato está em definir uma responsabilidade pessoal. Para isso, ao considerar esse construto psicossocial, o sujeito promove, também,

um conhecimento no que diz respeito à aceitação e prática social na escolha para a diversão (Argyle, 1992) ideal, bem como, real. Porém, o fato não está em destacar e deflagrar os tipos de lazer ruins, afinal a diversão se dá no processo de socialização entre os pares de iguais e sócio-normativos (por exemplo, pais, professores e familiares), mas também, aqueles que, mesmo visando à competição e ao êxito, propiciem a maturação de habilidades ainda não reconhecidas. Diante disto, um exemplo merece destaque, ao se intervir nas atividades de lazer considerando os valores normativos (ênfases a vida social, a estabilidade do grupo e o respeito para com os símbolos e padrões culturais que prevaleceram durante anos) este tanto contribui para a formação de um lazer lúdico quanto instrutivo, porém, poderá ser capaz de inibir uma diversão de tipo hedonista. Desta maneira, o fenômeno da diversão segue um padrão valorativo, o de respeitar alguns símbolos e comportamentos tradicionais, bem como, agir como fator de proteção.

Apesar da extensão reflexiva nos parágrafos anteriores, faz-se necessário refletir em direção dos critérios de orientação valorativa - pessoal, social e suprapessoal; estes explicaram o hábito hedonista, especificamente, o critério pessoal e social; esse tipo de lazer, o hedonista, não diz respeito apenas às dimensões individualistas, mas também, às sociais para que ele seja realizado, tanto os critérios que priorizam os próprios interesses do sujeito quanto os que focalizam as relações interpessoais e de grupo fomentam essas atividades, pois esses hábitos são construídos numa interdependência.

De fato, no cotidiano vivenciado pelas pessoas é possível proporcionar atividades que contribuam na construção de hábitos, sejam sozinhos ou em grupo, capazes de formar costumes de prazer ou aborrecimento, de informação e envolvimento social (Pais, 1998). Frente a essa perspectiva, busca-se a inserção social e cultural dos jovens, necessitando, com isso, analisar tanto os tipos quanto a frequência desses hábitos de lazer priorizados por eles, principalmente porque essa tomada de decisão de uma diversão específica estaria embasada nos valores humanos que os orienta. Esse construto, por ter sua natureza mais duradoura e universal, bem como, orientar o comportamento humano, é capaz de modificar as condutas sociais a partir da sua intervenção; para tanto, ao buscar intervir nos hábitos de lazer deve-se considerar a autoconfortação dos valores humanos (Rokeach, 1973).

Essas reflexões permitem pensar que quando os hábitos de diversão são bem orientados valorativamente poderão ser capazes de formar o jovem em suas metas individuais e sociais, favorecendo comportamentos que caracterizam os fatores educacionais de uma pessoa, bem como, seu interesse pessoal ou até sua relação social e afetiva com os outros jovens ou não. Atualmente, no que diz respeito às atividades de lazer, observa-se que os jovens se mostram envolvidos numa permissividade quanto ao tempo e tipo investido nas atividades; buscam com isso, sensações individuais, mesmo estando em grupo, esquecendo sua perspectiva moral e valorativa (Formiga, et al., 2002), onde pouco se importa com o outro e a qualidade consistente nas relações interpessoais.

Diante dos resultados no presente estudo, uma coisa merece ser destacada: caracterizar um jovem como desinteressado intelectualmente ou desqualificado em relação aos tipos de diversão, é um grave problema, o que merece ser avaliado tanto em seu autopercepto quanto sócio-perceptivamente, pois não somente se trata da influência dos fatores de personalidade, mas, das normas e valores que o orientam (Argyle, 1992; Formiga, Queiroga, Socorro, Gouveia & Milfont, 2001). Tal fato é refletido muito bem por Espinosa (2000) pois, para esse autor, o hábito de lazer, especificamente, do tipo vídeo game e programas de televisão, têm levado os jovens a se privarem de situações reais na sua própria vida, não os pondo em conflito com seus valores. Esses jogos apresentam apenas um objetivo, o de eliminar o inimigo, fazendo com que os conflitos comuns da idade pré-adolescente ou adolescente não consigam emergir, pois, tal fato se faz necessário para efeito de comparação entre suas escolhas, bem como, o que estas podem trazer para o indivíduo. Com isso, não é percebido por eles a necessidade de mudança, tanto no desenvolvimento individual quanto em sua habilidade social, tornando o jovem desprovido da vivência de novas fases em sua vida, levando-o a institucionalizar um lazer característico de sua própria fase, apontando apenas para o rompimento das normas sociais (Formiga, 2003).

Por fim, espera-se que o objetivo deste trabalho tenha sido realizado. Não obstante o esforço despendido, devido à escassa bibliografia em relação aos valores humanos e hábitos de lazer, fazendo necessário reconhecer possíveis limitações, por exemplo: qual a relação entre as atividades de lazer e dimensões individualistas (por exemplo, os traços

de personalidade)? É possível a construção de um modelo teórico que sustente, teoricamente, traços de personalidade e valores humanos - já que estes construtos apresentam uma relação bem próxima. Esses questionamentos poderão ser respondidos em pesquisas posteriores. De fato, sabendo que nenhum jovem busca evitar o lazer, de qualquer tipo, promover programas de intervenção baseado nos valores humanos é apontar não somente para a formação social desses adolescentes, mas, também, para seu avanço perante uma sociedade que visa apenas investir em interesses e valores individualistas, onde o melhor mais competitivo é que importa, ao invés de um ser cooperativo e que vise a uma atividade humanizada. Assim, buscar se divertir de maneira que estejam convergentes diversão, formação social, e saúde física e psicológica é enfatizar um ser autoatualizado e maduro psicossocialmente.

REFERÊNCIAS

- Argyle, M. (1992). Leisure. In Argyle, M. **The social psychology of everyday life**. (pp. 103-130). New York: Routledge.
- Blauwkamp, J. L., & Shinen, K. J. (1996). The affect of leisure education on leisure attitudes (p. 24-28). In **Anais eletrônico, Leisure Research Symposium**. Recuperado em 07 abr. 2001, da WEB (página da WEB): <http://www.leisurestudies.uiuc.edu>
- Codina, N. (1989). El deporte como actividad compensadora en el tiempo libre. **Anuario de psicología**, 40(1), 19-24.
- Codina, N. (1997). Los deportes de aventura como "ocio serio" y su impacto en la calidade de vida. In G. Nieto, & E. Garcés (Eds.). **Anais, 7. Congreso Nacional de Psicología de la Actividad Física y del Deporte**. (p. 116-172). Murcia: Sociedad murciana de psicología del deporte y de la actividad física
- Dumazedier, J. (1999). **Sociologia empírica do lazer**. São Paulo: Perspectiva. (Publicado originalmente em 1974).
- Espinosa, P. (2000). **Razonamiento moral y conducta social en el menor**. Tese de doutorado, Universidade da Coruña, Espanha.

- Fonta, E. V. (1997). La libertad en el ocio: Un problema (p. 72). In **Anais, 6. Congreso Nacional de Psicología Social: Integración y desarrollo de la psicología social en una sociedad multicultural**, 1997, San Sebastian. San Sebastian: Universidad del País Basco, Palacio de Miramar de San Sebastián.
- Formiga, N. S. (2003). Há diferenças entre homens e mulheres quanto ao rendimento escolar? **Revista de Educação, 2**(2), 7-13.
- Formiga, N. S. (2004). O tipo de orientação cultural e sua influencia sobre os indicadores do rendimento escolar. **Revista Psicologia: Teoria e Prática, 16**(1), 13-29.
- Formiga, N. S. (2006). Predição do rendimento escolar a partir dos hábitos de lazer em jovens. **Revista científica eletrônica de Pedagogia, 7**(4), 1-16. Recuperado em 7 abr. 2007, da WEB (página da WEB): <http://www.revistafaef.com.edu/pedagogia>
- Formiga, N. S., Gouveia, V. V., Lüdke, L., Teixeira, M. P., & Santos, W. D. (2002). Influência dos hábitos de lazer nas condutas anti-sociais e delitivas (p. 210). In **Anais, 32. Reunião anual de psicologia da sociedade brasileira de psicologia**, 2002, Florianópolis. Florianópolis: SBP.
- Formiga, N. S., Araújo, J. A. G., Vitória, D. M., & Miranda, M. M. (2006). A orientação valorativa como explicação das atividades dos hábitos de lazer em jovens brasileiro: Um estudo em termos das bases normativas da diversão. **Revista Eletrônica Psicologia, 1**, 1-21. Recuperado em 01 sept. 2006, da WEB (página da WEB): <http://www.psicologia.com.pt>
- Formiga, N. S., Ayroza, I., & Dias, L. (2005). Escala das atividades de hábitos de lazer: Construção e validação em jovens. **Revista de Psicologia da Vetor, 6**(2), 71-79.
- Formiga, N. S., Gouveia, V. V., & Ghizoni, L. D. (2003). Os hábitos de lazer como inibidores dos comportamentos desviantes (p. 297). In **Anais, 3. congresso norte-nordeste de psicologia. Construindo a psicologia brasileira: Desafios da ciência e prática psicológica**, João Pessoa, PB. João Pessoa, PB: Associação de pesquisa em psicologia.
- Formiga, N. S., Gouveia, V. V., Omar, A., Ferreira, K. C., & Prestes, L. I. N. (2002). Rendimento escolar e as dimensões de hábitos de lazer: Predizendo a eficácia entre êxito escolar e diversão para o jovem (p. 244). In **Anais, 32. Reunião anual de psicologia: Sustentação científica da prática em psicologia**, 2002, Florianópolis. Florianópolis: SBP.
- Formiga, N. S., Queiroga, F., Socorro, T. C., Gouveia, V. V., & Milfont, T. L. (2001). Prioridades valorativas e hábitos de lazer: considerações sobre o tempo livre em jovens (p. 306). In **Anais, 32. Reunião Anual de Psicologia: A construção da psicologia brasileira na pesquisa e no ensino**, 2001, Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: SBP.
- Formiga, N. S., Teixeira, J., Curado, F., Lüdke, L., & Oliveira, A. R. N. (2003). A predição das condutas anti-sociais e delitivas a partir dos traços de personalidade (p. 381). In **Anais, 32. Reunião anual da sociedade brasileira de psicologia. Psicologia: Compromisso com a vida**, 2003, Belo Horizonte Belo Horizonte: Sociedade Brasileira de Psicologia.
- Formiga, N. S., Teixeira, J., Fachini, A. C., Curado, F., & Lüdke, L. (2003). A predição dos hábitos de lazer a partir dos traços de personalidade (p. 372). In **Anais, 33. Reunião anual da sociedade brasileira de psicologia: Compromisso com a vida**, 2003, Belo Horizonte. Belo Horizonte: Sociedade Brasileira de Psicologia.
- Gouveia, V. V. (1998). **La naturaleza de los valores descriptores del individualismo e del colectivismo: Una comparación intra e intercultural**. Tese de doutorado, Faculdade de Psicologia, Universidade Complutense de Madri, Espanha.
- Leite, C. B. (1995). **O século do lazer**. São Paulo: LTr.
- Lima, M. E. O. (1998). **Valores, participação política, atitudes face a democracia e ao autoritarismo: Uma análise da socialização política dos universitários da Paraíba**. Dissertação de mestrado, Departamento de Psicologia, Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa.

- Maia, L. (2000). **Prioridades valorativas e desenvolvimento moral: Considerações acerca de uma teoria dos valores humanos**. Dissertação de mestrado, Departamento de Psicologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.
- Munné, F., & Codina, N. (1992). Algunos aspectos del impacto tecnológico en el consumo infantil del ocio. **Anuario de psicología**, *53*(2), 113-125.
- Murillo, S. (1996). **El mito de la vida privada: De la entrega al tiempo propio**. Madrid: Siglo Veintiuno.
- Myers, D. (1999). O eu no contexto social. In D. Myers. **Psicologia social**. (pp. 22-37). Rio de Janeiro: LTC.
- Pais, J. M. (1996). **Culturas juvenis**. Lisboa: INCM.
- Pais, J. M. (1998). **Gerações e valores na sociedade portuguesa contemporânea**. Lisboa: ICS.
- Rokeach, M. (1973). **The nature of human values**. New York: The Free Press.
- Rokeach, M. (1981). **Crenças, valores e atitudes: Uma teoria de organização e mudança**. Rio de Janeiro: Interciências. (Originalmente publicado em 1968).
- Schwartz, S. H., & Bilsky, W. (1997). Toward an universal psychological structure of human values. **Journal of Personality and Social Psychology**, *53*, 550-562.
- Schwartz, S. H. (1992). Universals in the context and structure of values: Theoretical advances and empirical tests in 20 countries. In M. Zanna (Ed.). **Advances in experimental social psychology**. (pp. 1-65). Orlando: Academic Press.
- Schwartz, S. H. (1994). Are there universal aspects in the structure and contents of human values? **Journal of Social Issues**, *50*, 19-45.
- Shinew, K. J., & Valerius, L. (1996). Leisure interactions with family and friends (p. 75). In **Anais eletrônico, Leisure Research Symposium**. Recuperado em 07 abr. 2001, da WEB (página da WEB): <http://www.leisurestudies.uiuc.edu>
- Tamayo, A., & Schwartz, S. H. (1993). Estrutura motivacional dos valores humanos. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, *9*(2), 329-348.
- Tamayo, A. (1988). Influência do sexo e da idade sobre o sistema de valores. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, *40*, 91-104.
- Werneck, C. (2000). Questões contemporâneas. Significados e relações constituídas entre o lazer e a recreação no Brasil. In C. Werneck. **Lazer, trabalho e educação: Relações históricas, questões contemporâneas**. (pp. 80-126). Belo Horizonte: Ed. da UFMG.

Recebido: 18/09/2008

Received: 09/18/2008

Aprovado: 10/11/2008

Approved: 11/10/2008